

A infestação da *Achatina fulica* no Vale do Ribeira: uma problemática sócio-ambiental

Lisângela Kati do Nascimento, Paula Chamy e Iaskara Saldanha

Resumo – O tema apresentado neste trabalho visa compreender a problemática ocasionada pela infestação da *Achatina fulica* na região do Vale do Ribeira/SP e correlacionar os problemas sociais e ambientais provocados por esse molusco. As conseqüências dessa infestação na economia, ambiente e saúde da população do Vale do Ribeira são preocupações que extrapolam os limites municipais, revelando-se uma questão de saúde pública ambiental que até o momento não tem recebido a devida atenção do poder público. Neste sentido, o presente estudo alerta para a gravidade do problema tentando, ainda de modo inconclusivo, sugerir ações para a solução do problema.

Palavras-chave – *Achatina fulica*, Vale do Ribeira, saúde pública ambiental.

I. INTRODUÇÃO

Ao se concentrar no campo relacional das ciências sociais e naturais para a compreensão dos fenômenos que envolvem saúde e ambiente, o presente trabalho pressupõe que tais campos não podem ser compreendidos isoladamente. Dessa forma, ao enfocarmos as percepções humanas e as formas de utilização do meio ambiente e seus recursos histórico e socialmente construídos, tentamos preencher as lacunas que impedem o dimensionamento adequado desses problemas, o que é fundamental para a definição e/ou redefinição do papel das políticas públicas voltadas ao ambiente.

Lisângela Kati do Nascimento, lkati@yahoo.com, Paula Chamy, paulacpc@usp.br, Iaskara Saldanha, iaskara@usp.br, Núcleo de Apoio a Pesquisa sobre Populações e Áreas Úmidas Brasileiras-NUPAUB/USP, Rua do Anfiteatro, 181-Favo 6-Cidade Universitária-São Paulo, Tel. 11-3091-3142/ 3091-3425, Fax 11- 3813-5819/3091-3142.

Os desafios da modernidade, como degradação e exaurimento dos elementos naturais e culturais, o esfacelamento da condição humana representada pela miséria e violência e, a prevalência dos interesses econômicos em detrimento dos sociais deixam claro que os problemas envolvendo a infestação da *Achatina fulica* são melhores compreendidos quando se atravessam as fronteiras disciplinares buscando-se um campo de intersecção entre as ciências do homem e da sociedade e as ciências da vida e da terra, o que suscita a elaboração de políticas públicas adequadas para cada realidade.

II. A ACHATINA FULICA

A *Achatina fulica*, também conhecida por caramujo africano, caracol-africano, caracol-gigante, caramujo-gigante-africano e rainha da África, é um grande molusco terrestre originário da África que foi introduzido no Brasil nos anos 80. Essa espécie foi utilizada para ser criada comercialmente, substituindo a espécie *Helix* (espécie ainda não adaptada às condições climáticas do Brasil). A falta de uma legislação específica que regulamente a criação, autorize a vigilância e estabeleça padrões de qualidade para o produto e seus subprodutos, e que oriente o produtor, estimulou muitas pessoas a criar essa espécie sem qualquer estudo de impacto ambiental, pois viram a oportunidade de uma lucratividade rápida.

De acordo com PAIVA (2002), os criadores do "falso escargot" alegam que a produção da *Achatina* atenderia a demanda social na obtenção de fontes protéicas por parte da população de baixa renda. No entanto, essa afirmação não têm correspondido à realidade sócio-ambiental das regiões onde a espécie foi introduzida, pois além de ser

uma fonte de alimento restrita, a densidade da produção por área é muito baixa e não supera outros alimentos protéicos vegetais de baixo custo produtivo. Além disso, trata-se de uma espécie exótica cujos estudos tiveram início recentemente e as conseqüências para a saúde humana são imprevisíveis.

A *Achatina fulica* possui um alto potencial invasor, e está inserida na lista da União para a Conservação como uma das 100 espécies invasoras mais perigosas do mundo, dada a sua adaptabilidade às mais diversas condições naturais, o que é facilmente comprovado já que a espécie encontra-se disseminada na Malásia, Japão e Indonésia entre outros países. No Canadá e na Austrália a *Achatina fulica* está na lista de espécies proibidas.

A infestação dessa espécie de caramujo tem aumentado de modo alarmante em todo o Brasil¹ e os impactos nos diversos biomas nacionais existentes são imprevisíveis. Dezesesseis estados brasileiros² já sentem os problemas da proliferação do molusco. Nas regiões litorâneas, onde a espécie encontra condições ambientais satisfatórias para alimentação e reprodução a *Achatina fulica* já assumiu grandes proporções [1].

Espécies exóticas como o caramujo africano têm como vantagens a ausência de predadores naturais, pestes e parasitas. Além de serem competidoras das espécies nativas, as espécies introduzidas produzem híbridos oriundos do cruzamento com as mesmas, o que pode ocasionar a eliminação de genótipos únicos das populações locais [2] ou ainda disseminar doenças contra as quais as espécies locais não possuem qualquer resistência.

Além das conseqüências ambientais, a *Achatina fulica* traz como agravante a possibilidade de hospedar o verme *Angiostrongylus costaricensis*, causador da angiostrongilíase abdominal, doença que ocasiona

peritonite, hemorragia abdominal e perfuração intestinal, que leva seres humanos a óbito em casos extremos e também pode ser o hospedeiro do *Angiostrongylus cantonesis*, causador da meningoencefalite eosinofílica que afeta o sistema nervoso central da espécie humana.

Como agravante para a saúde pública destaca-se as condições benéficas para a proliferação do mosquito *Aedes aegypti*, vetor da febre amarela e da dengue, na água acumulada no interior das conchas dos caramujos mortos, ampliando-se assim, o espectro dos problemas acarretados pela infestação do molusco.

Cabe ressaltar ainda, que medidas para erradicar e/ou controlar a infestação do caramujo africano (como utilização de moluscidas) podem levar à contaminação do alimentos agrícolas, do solo e lençóis freáticos, podendo exterminar espécies nativas, danificar o ambiente e comprometer a economia e saúde da população rural e urbana.

III. A VULNERABILIDADE DO VALE DO RIBEIRA

O Vale do Ribeira destaca-se no cenário nacional por ser o maior remanescente de Mata Atlântica, a região menos povoada e com menor índice de desenvolvimento econômico do Estado de São Paulo [3].

Esta última característica tornou o Vale vulnerável à implantação de alternativas econômicas nem sempre adequadas às condições ambientais e culturais da região. Inserido entre dois importantes centros econômicos do país (São Paulo e Curitiba), o Vale do Ribeira vem sendo alvo de políticas intervencionistas ao longo da história.

Diversas são as justificativas para o subdesenvolvimento econômico da região: prevalência do latifúndio, apossamento de terras devolutas, inadequação para expansão de culturas atrativas para a agroindústria, falta de modernização das estruturas regionais entre outros [4].

Desejoso em induzir a modernização periférica, o Estado desenvolveu políticas de fomento regional e os problemas resultantes dessas intervenções governamentais, na maioria

¹ No dia 3/05 o Jornal Nacional, noticiário televisivo veiculado pela Rede Globo em horário nobre, apresentou reportagem sobre a infestação da *Achatina fulica* nas casas e ruas do município de Corguinho, MS. Os moradores do município formaram mutirões para coletar e incinerar os caramujos.

² Os Estados brasileiros afetados são: Amazônia, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo.

das vezes inadequadas à vocação sócio-ambiental da região, têm comprometido no tempo, a qualidade de vida da população e o equilíbrio ecológico do meio ambiente.

O Vale do Ribeira atrai as atenções tanto do governo estadual como do federal em diferentes momentos da história. Foi alvo de políticas de colonização tanto no Império como no projeto modernizador do Governo de Getúlio Vargas. Entre 1950 e 1970 em razão da existência de riquezas naturais significativas, a região sofreu intervenções para atrair agroindústrias, empresas de mineração, hidrelétricas e desenvolver turismo, sem considerar-se porém, as formas histórico-culturais das relações entre ambiente e sociedade.

As restrições ambientais impostas para as populações locais, como a proibição da extração do palmito e da caxeta e a criação de unidades de conservação das mais diversas categorias que considerou o Vale do Ribeira como um vazio populacional restringiu ainda mais as possibilidades de trabalho dessas comunidades periféricas, desconsideradas pelas intervenções oficiais.

Por não ter promovido uma acumulação substancial de capital, seja através da indústria ou da agricultura comercial, o Vale do Ribeira não conseguiu atingir o desenvolvimento desejado pela lógica capitalista, permanecendo em uma situação de “atraso” e pobreza econômica em relação às outras regiões do estado de São Paulo, recebendo títulos pejorativos como “Sertão do Litoral” (5) ou “Amazônia Paulista”.

Estando a mercê dos mais variados projetos de desenvolvimento, facilitados pela vulnerabilidade da falta de informação da população de baixa renda, o Vale do Ribeira tornou-se um “laboratório” para disseminação de experiências caóticas que visam o crescimento econômico desconsiderando as especificidades históricas, culturais e ambientais da região.

A introdução da *Achatina fulica* no Vale do Ribeira surgiu como mais uma estratégia para inserir a região na lógica de mercado. Visando comercializar a espécie para o consumo humano, a criação do caramujo africano não recebeu a

atenção devida das autoridades quando da sua introdução no país. Muito embora a Política Nacional da Biodiversidade, decreto 4339 de 22/08/2002, tenha como um dos objetivos específicos (item 11.1.13) prevenir, erradicar e controlar as espécies exóticas que possam comprometer a biodiversidade, até mesmo órgãos estatais divulgam em seu endereço eletrônico cursos periódicos sobre a criação da espécie a preços irrisórios.

Ao alastrar-se de forma descontrolada pelos municípios do Vale do Ribeira, o caramujo africano compromete ainda mais a vida dessas populações. Os pequenos agricultores têm suas hortas e culturas prejudicadas diretamente pelo molusco ou pela aplicação de substâncias químicas para o controle da praga.

A utilização da *Achatina fulica* como isca para pesca em pesqueiros comerciais é outro fator preocupante apontado por PAIVA (2002:9). Se pensarmos que 80% das doenças existentes em países em desenvolvimento resultam da contaminação da água³ e que o Vale do Ribeira possui expressiva quantidade de recursos hídricos (sendo a pesca a atividade mais importante do seu litoral), pode-se concluir que uma epidemia com graves conseqüências sociais, econômicas e ambientais decorrente da infestação da *Achatina fulica* na região não é algo remoto.

IV. EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS DA INFESTAÇÃO DA ACHATINA FULICA NO VALE DO RIBEIRA

Em pesquisa realizada durante o mês de março de 2003, foram consultados 16 dos 22 municípios localizados no Vale do Ribeira. São eles: Cajati, Jacupiranga, Barra do Turvo, Registro, Pariquera-Açu, Miracatu, Iguape, Ilha Comprida, Cananéia, Juquiá, Sete Barras, Eldorado, Iporanga, Itaoca, Apiaí e Ribeira. Dentre os municípios consultados, apenas Apiaí, Itaoca e Ribeira não detectaram a presença do caramujo.

³ A contaminação e transmissão hídrica de doenças pode se dar por meio da água (existência de bactérias, protozoários, vírus, etc) ou pela existência de substâncias adversas à saúde humana [6]

O caramujo africano foi encontrado em praticamente todos os bairros dos municípios de Iguape, Cajati, Pariqueira-Açu e Miracatu. Em Barra do Turvo e Cananéia o molusco encontra-se principalmente na zona urbana.

O combate e controle, na maioria dos municípios infestados, está sendo realizado através da coleta manual periódica com a destruição dos caracóis. A população dos municípios afetados tem sido orientada pelas autoridades competentes, como a Vigilância Sanitária local, a usar salmoura ou desidratar os caramujos com solução de cal, enterrando-os posteriormente. No entanto, segundo PAIVA (2002), a forma correta de erradicação da *Achatina* consiste em coletar manualmente os caramujos com luvas, devendo destiná-los a incineração para então enterrar os resíduos produzidos. Essa recomendação deve-se a possibilidade das conchas, em regiões com alto índice pluviométrico, como é o caso do Vale do Ribeira, poderem tornar-se criatórios de *Aedes aegypti*.

A pesquisa revelou que apesar da preocupação por parte da população e da vigilância Sanitária local na busca por soluções para a infestação do molusco, existe uma inadequação nos procedimentos acompanhada pela falta de esclarecimento sobre o problema. Embora Juquiá tenha tentado realizar trabalhos educativos junto à população, como distribuição de folhetos e visita às residências por agentes comunitários, não conseguimos identificar entre os municípios consultados programas mais amplos para o esclarecimento, combate e prevenção da infestação da *Achatina*⁴.

V. CONCLUSÕES

A *Achatina fulica* além de ter como agravante o comprometimento da saúde pública devido ao seu grande potencial epidêmico, as conseqüências para o meio ambiente são enormes e variadas, dessa forma a

⁴ O município de Cajati iniciou em março de 2003, um programa de combate ao caramujo, utilizando uma "armadilha". Não nos foi revelado quais os produtos químicos constituintes dessa armadilha que, segundo a Vigilância Sanitária, está em processo de patenteamento.

problemática da *Achatina fulica* no Vale do Ribeira insere-se na área de política pública ambiental.

Partindo do pressuposto que grande parte dos problemas correlacionados ao binômio saúde e ambiente extrapolam as fronteiras territoriais convencionais como ocorre atualmente por exemplo com a pneumonia asiática que já atingiu diversos países, acreditamos que projetos para se combater a *Achatina fulica* no Vale do Ribeira precisam ser elaborados dentro de uma perspectiva regional, integrando os diversos municípios a fim de estabelecer convênios e parcerias entre as Prefeituras Municipais e as Associações de Bairro, buscando-se assim através dos Fundo Municipal, Estadual, Federal e a Iniciativa Privada, a captação dos recursos necessários para a esses projetos.

Um programa efetivo de combate a nível regional deve ter como objetivo a instrumentalização de profissionais da Área de Saúde, da Educação e os Líderes Comunitários, para o esclarecimento e orientação sobre a espécie, suas conseqüências para a saúde e para o meio ambiente, estimulando, dessa forma, o engajamento da população no combate do caramujo, pois somente através da ação conjunta entre as Prefeituras Municipais, suas respectivas secretarias e órgãos competentes, as Redes de Ensino Estadual, Municipal e Particular e a população em geral, poderá ter resultados positivos os projetos de combate da *Achatina fulica*, na região do Vale do Ribeira.

V. REFERÊNCIAS

- (1) PAIVA, Celso Lago. *A Achatina fulica* (Moluscos): praga agrícola e ameaça à saúde pública no Brasil
- (2) PRIMARCK, R. & RODRIGUES, E. *Biologia da conservação*. Londrina, 2001.
- (3) HOGAN, D. J (org) *et alli*. "Sustentabilidade no Vale do Ribeira (SP): conservação ambiental e melhoria de vida da população. Ambiente & Sociedade, ano II, n. 3 e 4.
- (4) CARRIL, L. *Terras de negros no Vale do Ribeira: territorialidade e resistência*. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP, 1995

(5) MULLER, G. Estado, estrutura agrária. Petrópolis: Vozes, 1980.